

A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA DE SARTRE PARA A CONCEPÇÃO DE HOMEM

*José Nilson Chagas Bezerra**

RESUMO

O presente texto tem por objetivo mostrar como o pensamento existencialista é importante para termos uma compreensão mais aprofundada do que seja a realidade-humana. Tomamos por base o filósofo francês Jean-Paul Sartre.

Palavras-chave: Sartre. Liberdade. Existencialismo.

ABSTRACT

This text has the aim to show existential thinking is important in order to have a deeper understanding of what human reality is we base on French philosopher Jean- Paul Sartre.

Keywords: Sartre. Freedom. Existentialism.

O PENSAMENTO EXISTENCIALISTA DE SARTRE

Sartre ficou bastante conhecido não somente pelas suas obras de caráter puramente filosófico, mas também por sua brilhante e importante atuação em outras áreas, tais como: a literatura, a política, o teatro... O pensamento de Sartre afirma que o homem tem de fazer uma opção sempre, quando ele está em uma encruzilhada é obrigado a optar. Para uma melhor compreensão do desenvolvimento do existencialismo analisaremos alguns fatores históricos ligados diretamente ao seu surgimento. O existencialismo que aqui nos referimos

* Acadêmico do Curso de Teologia do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão – IESMA

nasce marcado por duas grandes crises, a primeira começa nos fins do século XIX, caracterizada pela Crise do Racionalismo, como ressalta o professor Silva (1984, p.37):

Este se impusera como uma concepção mecanicista ou logicista do Universo, que se expressa em soberbos sistemas filosóficos que, a partir de Descartes, dominaram o pensamento ocidental durante muitos anos. Absolutização da Razão, que em Hegel identificaria o racional como real, haveria de ceder lugar a uma nova realidade cultural marcada pela Ausência do Absoluto e pela derrocada dos grandes sistemas filosóficos tradicionais.

Como sabemos, a ciência positiva preencheu o espaço deixado pela filosofia especulativa, possibilitando assim um significativo avanço daquela, chegando a ciência a exercer uma forte e determinante supremacia frente às outras formas de conhecimento. A segunda crise encontra-se relacionada a uma disparidade entre as perspectivas otimistas e uma trágica realidade, como nos diz Silva (1984, p.39):

Com, efeito o império da razão que a Revolução Francesa julgara institucionalizada no “nouvou regime” cuja expressão mais alta era a cultura da Humanidade e a crença numa era de paz, justiça e progresso, cede lugar a realidade histórica estigmatizada pela guerra no plano internacional, e pela radicalização do mundo no binômio desenvolvimento-subdesenvolvimento e pelo conseqüente cepticismo do homem diante dos valores tradicionais de nossa civilização.

Além destas duas crises, existem as influências de ordem afetiva, os acontecimentos trágicos das guerras e o pós-guerra, que influenciaram os novos rumos da humanidade, os homens

deixaram as especulações filosóficas abstratas, voltando-se de forma brusca para a realidade que os cercavam,

[...] a angústia que constrangeu os corações durante alguns dos mais sombrios anos que o mundo conheceu, tudo isso contribuiu grandemente para afastar o homem das especulações filosóficas abstratas que em tempos felizes tanto o deleitavam, reconduzindo-o a si preocupado em descobrir uma doutrina mais próxima da vida e que condissesse melhor com a real e dramática existência cotidiana. (JOLIVET, 1975, p.26-27).

Nessa realidade acima descrita de um mundo marcado por acontecimentos trágicos, a filosofia é intimada a refletir sobre este homem que emerge desta realidade. É preciso voltar-se para si mesmo, para a sua existência. O existencialismo nasce com esta finalidade: a de buscar entender este homem solitário, angustiado, desesperado. Para este texto tomamos como referência a conferência proferida por Sartre em 1946, intitulada O Existencialismo é um Humanismo, na qual Sartre faz uma defesa das críticas lançadas contra o Existencialismo.

Como sabemos a filosofia existencialista abrange diversos pensadores, uns são crentes e outros são declarados ou denominados como ateus. Porém, o fato é que para todos eles o que realmente deve se levar em conta do ponto de vista estritamente filosófico é que **a existência precede a essência**. Sartre afirma, “O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se preferir que é necessário partir da subjetividade”. (SARTRE, 1978, p.5)

Baseando-se no escritor russo Dostoievski, quando este afirma que “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”, Sartre coloca que esta afirmativa deve ser encarada de maneira consciente, pois agora é colocada nas mãos do próprio homem a total autonomia da sua própria vida. Sartre (1978, p.9) assevera que:

De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade [...].

Desta forma abre-se uma nova perspectiva para podermos pensar a “realidade humana”, não mais partindo de uma essência, mas da existência concreta. Este novo enfoque exige por parte dos filósofos um compromisso de grande relevância, não recorrer a uma realidade transcendente ao homem para podermos entendê-lo.

Uma das características mais marcantes do Existencialismo é a de afirmar que o homem é o único responsável por sua vida, uma vez que já não há mais justificativas anteriores à sua existência para legitimar as suas ações.

Para Sartre, quando se concebe Deus como criador, estamos nos referindo basicamente ao processo, que se dá na fabricação de um determinado objeto, ou seja, segue-se a idéia de que a essência precede a existência.

Diz Sartre (1978, p.5):

Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior, [...], admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, no mínimo, que acompanha, que Deus quando cria sabe precisamente o que está criando.

A idéia de artífice criador é basicamente a mesma do processo industrial, no qual já se possui um modelo determinado para os objetos, ou seja, se tem em mente a essência do corta-papel, o processo de fabricação só é uma conseqüência de uma natureza predeterminada.

Sartre, como já foi dito anteriormente, tem como meta principal de suas obras focar a liberdade do homem, por este motivo ele elimina a noção de Deus, justamente com a intenção de que não existe neste sentido nada que possa definir previamente o homem, conseqüentemente limitar sua liberdade.

O seu existencialismo afirma que,

[...] se, Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem [...] (SARTRE, 1978, p. 5-6).

Deste modo afirma-se que primeiramente o homem existe, e posteriormente é que ele vai se definindo. “O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo”. (SARTRE, 1978, p.6). Por essa razão dentro do pensamento sartreano não se concebe a idéia de uma essência ou de uma natureza humana, é que o homem de início não é nada. O homem não possui uma essência inerente ao seu próprio ato de existir, no decorrer de seu projeto existencial é que ele vai decidir o que ele quer ser.

Este fato possui um peso enorme, pois o homem é responsável por tudo àquilo que ele fizer, “[...] o homem é antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro” (SARTRE, 1978, p.6). O homem é um projeto, um poder-ser, um ser que está em aberto para várias possibilidades. O fato de o homem ser uma possibilidade acarreta grandes responsabilidades, pois é ele quem vai decidir o seu futuro, como também sua escolha por toda a humanidade. A escolha que ele realiza engaja todos os homens. “Ao afirmamos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer também que, escolhendo-se ele escolhe todos os homens” (SARTRE, 1978, p. 6).

A escolha que cada homem faz envolve toda humanidade, o fato é que não podemos dizer que tal projeto é uma escolha

fácil, pois, o ato é angustiante. É a angústia o que proporciona ao homem agir.

[...] é a própria angústia que constitui a condição de sua ação, pois ela pressupõe que eles encarem a pluralidade dos possíveis e que, ao escolher um caminho, eles se dêem conta de que não tem nenhum valor a não ser o de ter sido escolhido. (SARTRE, 1978, p.8).

A liberdade proposta por Sartre é uma determinação de que o homem é obrigado a fazer uma escolha entre as várias possíveis existentes. O fato é que a angústia coloca-se ao homem porque é instigado à ação e que sua ação não se limita a si próprio, mas que está também relacionada a todos os homens uma vez que sua escolha implica a todos. A esse respeito Sartre (1978, p. 7) comenta:

[...] o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.

Tal escolha é de fato angustiante tendo-se em mente que é o próprio homem que tem que realizá-la plenamente. A escolha que eu realizo é em vista de toda humanidade, faço pensando não somente em mim, mas em todos os homens. Portanto, a escolha que cada homem faz é baseada no bem, pois jamais queremos o que é degradante para si mesmo.

A liberdade afirmada como a eliminação da existência de Deus, coloca o homem de posse de sua vida, no sentido de que é único responsável por tudo que lhe aconteça. E por outro lado o deixa em estado de desespero porque inicialmente já não podemos justificar os nossos sucessos ou fracassos fazendo referências a uma natureza preexistente. Não existe mais um ponto de apoio para a prática ou para a omissão de nossos atos. A liberdade constitui-se como base de toda

ação do homem, uma vez que é segundo Sartre autonomia de escolha. E sendo que o homem não pode deixar de exercer uma determinada escolha, ele está desta forma obrigado a entrar em ação constantemente, mesmo que ele se encontre nas situações mais adversas possíveis.

Ele afirma ainda que, “É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto é lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz”. (SARTRE, 1978, p.9).

Por outro lado o homem é responsável por criar valores ou ordens normativas, uma vez que não encontramos pronto nada que possa legitimar nossa conduta. Estamos sós e sem desculpas, não se pode mais recorrer a valores predeterminados uma vez que estes não existem. O homem é o responsável e único responsável pela criação de valores ou ordens normativas que se deve adotar para o bem de todos. Quando Sartre diz que o homem está condenado a ser livre, está querendo afirmar que ele está obrigado constantemente a exercer sua liberdade, ou seja, a fazer determinadas escolhas.

A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo. (SARTRE, 1978, p.17).

O homem não pode deixar nunca de fazer determinadas escolhas, pois como Sartre nos afirma, mesmo que ele use de má-fé, esta recusa é tida como um ato exercido com liberdade. Porém, como tal atitude consiste em uma ação baseada na má-fé, que é tentativa de inventar desculpas para suas ações, ou seja, ele tenta criar determinismo para sua vida. “[...] todo

homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé". (SARTRE, 1978, p.19).

Ao afirmar que o homem é livre Sartre, nos dá a possibilidade de compreendermos o homem como responsável exclusivo pelos seus atos. Ele também nos diz que para podermos exercer de forma plena a liberdade é necessário o engajamento pleno no projeto que escolhermos para nós mesmos, e conseqüentemente para toda humanidade. Um dos pontos principais das suas obras é para mostrar que o homem não pode se omitir diante das circunstâncias que a vida lhe proporciona, ele não deve nunca deixar de exercer sua liberdade.

Numa sociedade onde são comprovadas as tendências de transferências de responsabilidade, Sartre afirma que o homem e somente ele, é responsável por seus atos. Portanto, o homem não deve buscar desculpas fora de si, para justificar suas atitudes.

REFERÊNCIAS

JOLIVET, Regis. **As doutrinas existencialistas de Kierkegaard a Sartre**. Portugal: Livraria Tavares Martins, 1975.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

SILVA, José Maria Jesus e. O humanismo existencialista de Jean-Paul Sartre. **Revista de filosofia**, São Luis: UFMA, p.37-52, 1984.